

REVISTA

Edição 300 . fevereiro 2012 . ano 36 . R\$ 6,00

refrigeração

ar-condicionado

ventilação

aquecimento

# abraVA



## ISOLAMENTO TÉRMICO: um importante ator

**Entrevista**  
Solar sob  
a visão da  
ANEEL

**Panorama Setorial**  
Montreal publicará  
substitutos ao  
HCFC-141b

**Exclusivo**  
Imperdível: nasce  
primeira Febrava  
no Nordeste

# Novas referências na sustentabilidade empresarial

**N**os últimos cinco anos vimos um importante movimento acadêmico e empresarial no sentido de incorporar na gestão das empresas o necessário equilíbrio entre lucratividade e responsabilidade socioambiental.

É importante reconhecer os esforços desenvolvidos até então, com resultados bastante positivos na criação de imagens de empresas valiosas tanto para a sociedade como para seus acionistas.

Porém, as empresas exemplos neste assunto anteriormente foram substituídas por outras hoje. O que ocorreu para essa mudança pode ser resumido em uma única palavra: pragmatismo!

As organizações que são destaques atualmente em suas políticas de sustentabilidade corporativa conseguiram não se deixar levar pelos cantos das sereias dos inúmeros modismos importados, que apareceram nos últimos anos e que fizeram com que outros perdessem o foco do tão necessário pragmatismo empresarial de geração compartilhada de resultados com a sociedade.

Identificamos quatro tipos de equívocos cometidos na busca de uma gestão sustentável. O primeiro é achar que fazer relatórios de sustentabilidade com base no GRI é uma grande demonstração de gestão sustentável; o segundo, considerar importante, para a sustentabilidade empresarial, a quantificação de gases de efeito estufa; outro é acreditar que fazer parte do ISE é importante para demonstrar, para investidores, seu compromi-

so com a sustentabilidade empresarial e, como consequência, valorizar suas ações e, por último, partir para embalagens mais sustentáveis como caminho para a percepção, pelo consumidor, da sustentabilidade empresarial.

Os relatórios de sustentabilidade, a maioria baseada no importante referencial emitido pelo Global Reporting Initiative-GRI, apresenta, na maioria dos casos, benefícios mínimos para as empresas perto dos esforços gastos para produzi-los, pela inexistência de um Plano Estratégico de Sustentabilidade Empresarial.

O segundo equívoco advém de modismos importados das economias perdulárias que buscam criar movimentos (para os outros, de preferência) em direção à chamada economia de baixo carbono. Está mais do que comprovado que os esforços do combate ao desperdício e às emissões devem ser feitos pelos países da OECD que estão emitindo 13,8 t/p/a (tonelada/pessoa/ano) de CO<sub>2</sub>, contra 5,4 t/p/a emitidos por nós brasileiros.

As empresas brasileiras, operando fora da OECD, antes de quantificar suas emissões de gases de efeito estufa, deveriam mitigar os riscos socioambientais no entorno dos seus negócios combatendo a fome, a miséria, a violência e a poluição...

O terceiro equívoco, nesse caso cometido pelas empresas de capital aberto, é o de lutar para fazer parte do ISE da Bolsa de Valores. Um índice criado pela Bolsa de Valores interessaria a quem? A resposta é óbvia: aos investidores.

Ocorre que os investidores (se tiver algum que divirja, por favor, escreva-me) não levam em consideração o ISE para as suas tomadas de decisão de compra e venda de ações. Onde está o erro? Os investidores não têm voz ativa e nem poder de veto na composição do índice. O último dos maiores equívocos que as empresas cometem na área da sustentabilidade empresarial se refere ao tratamento, quase que exclusivo dado às embalagens de seus produtos, ao invés de partirem, de forma mais vigorosa, para o desenvolvimento de produtos (conteúdo) mais sustentáveis.

Erros e acertos fazem parte do aprendizado do desenvolvimento sustentável. Mas, enquanto, algumas empresas brasileiras e centros acadêmicos se deixaram levar pelo enorme movimento midiático internacional desenvolvido por interesses econômicos de ganhar dinheiro com visões apocalípticas distorcidas, muitas outras souberam gerar valor compartilhado para com a nossa sociedade, não com a estratosfera! [a]

*Newton Figueiredo é fundador e presidente do Grupo SustentaX, que desenvolve, de forma integrada, o conceito de sustentabilidade ajudando as corporações a terem seus negócios mais competitivos e sustentáveis, identificando para os consumidores produtos e serviços sustentáveis e desenvolvendo projetos de sustentabilidade para empreendimentos imobiliários*